



2ª Licenciatura em  
Educação Especial

# **INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

Guilherme Nichols  
Vanessa Regina de Oliveira Martins



EDESP-UFSCar



INTRODUÇÃO À LÍNGUA  
BRASILEIRA DE SINAIS  
(LIBRAS)



UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

**Reitora**

Profa. Dra. Ana Beatriz de Oliveira

**Vice-Reitora**

Maria de Jesus Dutra dos Reis



EDESP-UFSCar

EDESP - Editora de Educação Acessibilidade da UFSCar

**Diretor**

Nassim Chamel Elias

**Editores executivos**

Adriana Garcia Gonçalves

Clarissa Bengtson

Douglas Pino

Rosimeire Maria Orlando

**Conselho editorial**

Adriana Garcia Gonçalves

Carolina Severino Lopes da Costa

Clarissa Bengtson

Gerusa Ferreira Lourenço

Juliane Ap. de Paula Perez Campos

Marcia Duarte Galvani

Mariana Cristina Pedrino

Nassim Chamel Elias (Presidente)

Rosimeire Maria Orlando

Vanessa Cristina Paulino

Vanessa Regina de Oliveira Martins



CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



Universidade Aberta do Brasil



2ª Licenciatura em  
Educação Especial

**Coleção: Segunda Licenciatura em Educação Especial**

Coordenação: Rosimeire Maria Orlando

# INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Guilherme Nichols  
Vanessa Regina de Oliveira Martins



**EDESP-UFSCar**

São Carlos, 2022

© 2022, dos autores

**Projeto gráfico e capa**

Clarissa Bengtson

Bruno Prado Santos

**Preparação e revisão de texto**

Paula Sayuri Yanagiwara

**Editoração eletrônica**

Bruno Prado Santos

N616i

Nichols, Guilherme.  
Introdução à Língua Brasileira de Sinais : Libras /  
Guilherme Nichols, Vanessa Regina de Oliveira Martins. --  
Documento eletrônico -- São Carlos : EDESP-UFSCar, 2022.  
80 p.

ISBN: 978-65-89874-25-6

1. Língua brasileira de sinais. 2. Surdos. 3. Diferença  
(Linguística). I. Título.

CDD: 419.81 (20ª)

CDU: 81'221.24

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

# SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 Comunidade surda, sinais de identificação pessoal e a dactilologia.....	9
2 Visualidade e a Libras: simultaneidade da Libras em sua organização gramatical.....	21
3 Expressividade como elemento gramatical.....	31
4 Pergunta retórica e a produção de sentenças interrogativas na Libras.....	37
5 Formas de produção de sentenças negativas em Libras.....	47
6 Números e sua utilização contextualizada.....	55
7 Regionalismo e as variações linguísticas na Libras.....	63
8 O espaço e a construção da ação verbal em Libras.....	71
Considerações finais para este estudo introdutório da Libras.....	77
Referências.....	78



# INTRODUÇÃO

Este livro será usado como texto-base da disciplina de introdução à Libras. Nele, objetiva-se apresentar os aspectos introdutórios da língua brasileira de sinais (Libras), quanto às suas características gramaticais, seu funcionamento e algumas marcas culturais das comunidades surdas, compostas a partir da produção subjetiva de sujeitos surdos e ouvintes que fazem uso dela em suas práticas enunciativas cotidianas. Por ser uma língua diferente das línguas orais, com modalidade espaço-gesto-visual, neste livro os conteúdos serão trazidos de forma bilíngue, na língua portuguesa e na Libras, ou seja, os conteúdos se darão por texto e também por meio de vídeos com exemplos sinalizados na língua de sinais. Justificamos essa escolha para que as explicações sobre o funcionamento dessa língua possam ser mais bem apreendidas por vocês, estudantes, e para que possam ter a experiência de instrução na Libras. Então, mesclamos entre textos escritos em português e *links* de acesso a vídeos em Libras. Nosso material foi dividido em oito (8) unidades com conteúdos teórico-práticos que visam à apropriação dessa língua e à compreensão contextual de seu uso, com foco em práticas comunicativas para o ensino dela.

Na **Unidade 1** apresentamos as características culturais das comunidades de fala que fazem uso da Libras em seu cotidiano, como pessoas surdas, filhos de surdos, familiares, tradutores e intérpretes de língua de sinais, amigos de pessoas surdas, entre outros sujeitos que compõem as *comunidades surdas*. Por comunidade de fala entendemos um grupo de sujeitos que compartilham normas e “atitudes” sociais comuns e que estão interligados por uma língua ou por uma variedade linguística. Na **Unidade 2** tratamos das distinções entre as *modalidades linguísticas* e os aspectos gramaticais específicos de funcionamento das línguas de modalidades espaço-gesto-visual como a Libras. Na **Unidade 3** apresentamos a

importância da *expressividade* e das *marcas enunciativas* que diferem os projetos de discurso por meio do uso da prosódia na língua de sinais feita pelas expressões não manuais (corporais e faciais). Na **Unidade 4** focamos na retórica discursiva da língua de sinais, no elemento interrogativo e suas marcas específicas para a organização espacial e produção sintática de organização desse tipo de sentença em Libras. Além da “pergunta retórica”, apresentamos as diferentes formas de produção de *sentenças interrogativas* na língua de sinais. Na **Unidade 5** apresentamos as diferentes organizações espaciais e enunciativas para produção de *sentenças negativas* em Libras. Na **Unidade 6** apresentamos a forma em que os *números* são sinalizados em Libras, a partir de projetos enunciativos contextualizados em que fazemos uso dos numerais na composição discursiva. Então, na **Unidade 7** as variações dialetais são foco de nosso estudo. Apresentamos as *variações linguísticas na Libras*, dado o regionalismo social, de modo a marcar a similaridade desse idioma com qualquer outro das línguas orais no que concerne às variedades e aos regionalismos linguísticos. Por fim, na **Unidade 8** apresentamos as marcas enunciativas de ações na Libras, o modo de funcionamento sintático dos *verbos e seu funcionamento na língua de sinais*.

Esperamos que, ao final deste estudo, os conteúdos básicos de introdução à Libras tenham sido apreendidos de modo contextual, integrado e dinâmico por todos vocês que estão inscritos nesta disciplina.

# Comunidade surda, sinais de identificação pessoal e a dactilologia

Aspectos referentes ao campo da surdez certamente já foram abordados em outros estudos do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial. Na disciplina que foca a abordagem bilíngue, por exemplo, tivemos a introdução teórica ao campo dos estudos surdos e da matriz de experiência que é relacionada a esses estudos. Nela certamente foi marcada a surdez como campo de saber, e também foram mencionadas as formas de concepção sobre a pessoa surda e a sua relação com a linguagem, podendo se dar num viés patológico ou sociocultural e linguístico. Entendemos, assim, a surdez pela constituição ontológica, tomando, portanto, um olhar filosófico sobre a vida e o ser surdo, construídos pela visualidade. Uma das especificidades dessa perspectiva filosófico-linguística e cultural está na defesa da língua de sinais como língua de constituição de subjetividade, de produção de singularidade para sujeitos surdos e de pluralidade de suas formas de vida.

Desse modo, seguimos neste material a partir deste ponto destacado e alinhados a essa perspectiva ontológica de abordagem socioantropológica. Tais acenos vão ao encontro da afirmação de que a língua brasileira de sinais (Libras) é uma língua com *status* igual a de qualquer outra e por isso não pode ser universal. A não universalidade linguística ocorre porque, para a construção de tal sistema, natural e produto da construção humana, se pres-supõem relações culturais entre os seus falantes, ou seja, a língua de sinais não se limita a gestos isolados como mímicas e pantomimas e, por isso, vai se modificando diariamente, pelo seu uso entre falantes sinalizadores. Essa é uma dúvida comum, de ser a língua de sinais uma comunicação universal. Essa interrogação sobre as línguas de sinais e a universalidade desse meio de comunicação paira no pensamento dos sujeitos que desconhecem esse idioma e que não tiveram oportunidade de contato com pessoas surdas ou

com pessoas ouvintes sinalizadoras: portanto, retomamos isso e afirmamos que a língua de sinais não é universal.

Optamos pelo uso do termo “pessoas sinalizadoras” para nos referir àquelas que fazem uso da Libras como um sistema de comunicação, produção de subjetividades e forma de interação de si e com o mundo externo: surdas ou ouvintes. Pessoas ouvintes são aquelas, em contraposição às surdas, que não têm nenhuma perda auditiva significativa que limite a comunicação com o outro e por isso não dependem exclusivamente da visualidade para a interação social, podendo se beneficiar de línguas de modalidades oral-auditivas por aprendê-las naturalmente, sem intervenção clínica. Mas é importante frisar que temos pessoas ouvintes, sem perda auditiva, que também fazem uso da Libras no seu dia a dia, por terem contato com sujeitos surdos: por terem familiares surdos ou pela relação profissional de mediação linguística entre sujeitos surdos e ouvintes, na figura do profissional tradutor e intérprete de Libras.

Dando continuidade à defesa da Libras como língua efetiva, reiteramos ainda que a Libras, portanto, não pode ser universal. Isso porque, como toda língua natural, é viva, ou seja, dinâmica e sempre mutável, a partir de seu uso diário, tendo nela marcas e características histórico-culturais que permitem identificar: 1) grupos sociais ou comunidades de fala diferentes (moradores de espaços rurais ou urbanos, variações de falares por sujeitos provenientes de localidades nacionais diferentes, crianças, adolescentes, idosos, gays, cientistas, pesquisadores de diversas áreas, entre outros grupos sociais que compartilham algumas marcas identitárias e conhecimentos comuns entre si); 2) a temporalidade de produção de um discurso, ou seja, se tal produção enunciativa produzida por um falante sinalizador é mais ou menos atual; 3) uso de vocábulos regionais, os dialetos, entre outros elementos que podem gerar estranhamento numa interação discursiva, caso os enunciadores sejam de comunidades de fala diferentes.

Assim, com argumentos científicos e legais (BRASIL, 2002, 2005) de que a Libras é uma língua, cabe salientar que temos duas modalidades distintas de línguas: as orais-auditivas, como português, inglês, espanhol, e as de modalidade espaço-gesto-visual, como a Libras, a língua americana de sinais – ASL, a língua francesa de sinais – a LFS e inúmeras outras.

Seguimos com a apresentação de exemplos de sentenças na Libras e na ASL. Isso para que vejam como há diferenças importantes entre os dois idiomas, que são de mesma modalidade, espaço-gesto-visual. Por meio

desses exemplos esperamos que fique claro que a língua de sinais não é universal, porque cada país estabelece vocábulos específicos para os variados sentidos produzidos em um discurso verbal (que é feito entre dois falantes em produção “cara a cara”). Portanto, interessa-nos que fique evidente a não universalidade das produções nas variadas línguas de sinais. Assim, os signos linguísticos das línguas de sinais (as palavras ou léxicos de cada língua e que chamamos de sinais) são diferentes em cada país, tendo, às vezes, variações dialetais no mesmo país. Veja as distintas sinalizações em Libras e ASL para a sentença: “Foi um prazer te conhecer”.

**Quadro 1** Traduções em Libras e ASL da sentença “Foi um prazer te conhecer”.



Fonte: elaboração própria.

Por mudanças linguísticas entendemos todas as variações e mutações de uma língua (oral ou gestual) e que podem ser vistas num recorte temporal menor, seja em determinadas localidades ou num período de tempo curto. E, ainda, mudanças históricas maiores em uma língua, que se dão num tempo estendido, em que os falantes, ao longo desse período, desconhecem a

motivação de composição de tal vocábulo e a sua mudança longitudinal. Portanto, a sincronia, nos estudos linguísticos, refere-se às variações de uma língua analisadas e descritas em um recorte temporal específico, ou seja, as mudanças que ocorrem em curso de dada língua, cujas motivações, na maioria das vezes, são conhecidas. Já a diacronia se refere à análise histórica das mudanças de uma língua e dos fenômenos de sua evolução ao longo do tempo, e suas motivações, pelo período prolongado de alterações no uso de determinado vocábulo, dada a extensão temporal de uso, podem ser desconhecidas pelos seus falantes. A sincronia e a diacronia também podem ser visualizadas nas línguas de sinais, em mudanças gramaticais pontuais, num recorte temporal, que motivaram o uso de novos léxicos – também nomeados por sinais. Xavier e Barbosa (2014) apontam alterações fonológicas que variam, síncrona e diacronicamente, na estrutura e no funcionamento lexical da Libras. Veja a seguir, nas imagens, algumas variações sincrônicas e diacrônicas na Libras:

**Quadro 2** Mudanças diacrônicas e sincrônicas na Libras.

<b>DIACRONIA</b>		
Antigo		Atual
Aranha		
		

Quadro 2 Continuação...

<b>DIACRONIA</b>	
Antigo	Atual
Gordo	
	
<b>SINCRONIA</b>	
Antes	Depois
Coronavírus	
	
Papai	
	

Fonte: elaboração própria.

Com a afirmação da Libras como língua natural, seguimos para a construção do conceito de comunidade para explicar o que seria a comunidade

surda. A noção de comunidade surda aparece porque, pela concepção da composição de uma comunidade adjetivada pela palavra “surda”, também se reafirmam as características naturais das línguas de sinais, contrapondo à ideia de que seja fruto de uma linguagem artificial.

Para Couto (2005, p. 195), o que caracteriza as línguas de sinais como línguas é o fato de serem faladas “por uma comunidade” que compartilha princípios e ideais de lutas, bem como o fato de haver uma interação favorável entre os sujeitos, que se veem articulados por um enlace comum em uma língua também comum entre os falantes. Sobre esse aspecto o autor ainda afirma que, “pelo fato de as línguas de sinais serem línguas naturais, manifestação da faculdade de linguagem do ser humano, o que vale para as línguas orais, em princípio, vale também para elas” (COUTO, 2005, p. 195). Os surdos e ouvintes falantes de uma língua de sinais aproximam-se em espaços compartilhados fisicamente, como as associações de surdos e outros locais físicos combinados entre si, em que ocorrem encontros grupais. Dessa aproximação constitui uma comunidade, compartilhando uma *língua comum* em uma *comunidade de fala* caracterizada pelo autor como:

Em linguagem comum, o termo “comunidade” tem pelo menos três acepções. A primeira é a de algo comum; a segunda, a de um grupo de pessoas que têm algo em comum; a terceira, a da EFL. Só vamos tratar dessa última. Mas, mesmo nesse sentido, ele tem se referido a mais de uma coisa, ou a mais de um aspecto da mesma coisa. Em todos os autores que trataram do assunto, e que estão alinhados na bibliografia, o termo fica ambíguo. Nenhum deles traçou uma distinção clara entre comunidade de língua (CL) e comunidade de fala (CF), sem a qual é difícil explicar a situação de muitas línguas do mundo (COUTO, 2005, p. 195).

Portanto, a comunidade surda tem sido composta de surdos e ouvintes, ativistas da causa surda e da luta por direitos das pessoas surdas, como professores, familiares, intérpretes, amigos, entre outros que, percebendo as defesas ainda necessárias a serem dadas quanto à acessibilidade linguístico-social e nelas as pautas caras às pessoas surdas, atuam de modo parceiro nessas frentes. Por comporem esse espaço comum, compartilham de características culturais e visuais que estão imersas no contexto surdo, tendo nas tecnologias e nos modos de funcionamento das relações (discursivas e sociais) com os surdos o aceno para seus marcadores culturais, produzidos socialmente como instrumento de apoio às suas vidas, nas diferenças. Destacamos como tecnologias os produtos usados para chamar a atenção

do outro, por meio de recursos visuais, e não os auditivos, aspectos que produzem as experiências surdas pela língua de sinais, as literaturas surdas, entre outros elementos que agregam e agrupam esses sujeitos. Portanto, os marcadores culturais surdos são elementos comuns partilhados e que constituem os sujeitos que habitam as comunidades surdas.

Longe de defender uma pretensa essência surda, nosso objetivo é mostrar que a expressão ser surdo abrange uma experiência de ser, de estar no mundo, que é vivida no coletivo, mas sentida de maneiras particulares. Embora tenhamos distintas formas de viver a condição de ser surdo, alguns elementos presentes nas narrativas surdas sobre si permitem-nos reconhecer, na dispersão dos enunciados, alguns elementos recorrentes que, ao serem agrupados, conectados e selecionados, nos indicam marcadores comuns dentro de um grupo cultural específico. Para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade, algumas condições são necessárias. Temos como exemplos: afinidades entre os diferentes indivíduos que constituem o grupo, interesses comuns que possam conduzir as ações do grupo por caminhos comuns, continuidade das relações estabelecidas, bem como tempo e espaço comuns, em que os encontros do grupo possam acontecer. Nesse sentido, pensar sobre a constituição e os marcadores surdos que ajudam a definir o que reconhecemos por grupo e comunidade surda é pensar qual espaço tem servido de território para que a comunidade surda se constitua e se mantenha como tal (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 82).

Os marcadores culturais tecnológicos podem ser exemplificados como instrumentos culturais de uso cotidiano das pessoas surdas os quais facilitam sua interação com o meio social e linguístico, como as campanhas luminosas, os despertadores por vibração, softwares que possibilitam a interação em vídeo, entre outros produtos culturais. Segue um vídeo que ilustra recursos tecnológicos de apoio às pessoas surdas em seu dia a dia.

**Vídeo 1** Tecnologias cotidianas de apoio às pessoas surdas.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/-Y2tNTN7N0>.

Fonte: elaboração própria.

Destacamos que todos os produtos e avanços tecnológicos são resultantes de lutas surdas pela afirmação de seu direito cultural e de sua diferença, ou seja, reivindicando a produção de artefatos culturais técnicos que auxiliem as suas formas de vida nas diferenças. Sobre isso destacamos que:

O sujeito destaca as mudanças que percebe nos movimentos da cultura surda, apontando a luta como uma condição e como um marcador de um grupo surdo de uma época. Admite que todos os surdos que estão na escola de surdos partem de uma condição diferenciada por terem a possibilidade e o direito de utilizarem a língua de sinais na escola. Embora a língua seja um forte referente, a luta ocupa, na narrativa, uma mesma posição de importância. A preocupação enunciada na narrativa aponta para o não entendimento dos surdos deste momento histórico de sua comunidade e parceiros. A luta que mobilizava a comunidade surda, e ainda a mobiliza em algumas regiões do Brasil, era pelo direito a uma escola de surdos e pelo de ter reconhecida a língua de sinais nessas escolas (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 88).

Seguindo para o desfecho desta primeira unidade, apresentamos a dactilologia ou soletração manual como forma de transliteração de um léxico da língua oral que quer ser apresentado e versado literalmente e visualmente para/na língua de sinais. Esse recurso é importante, porque possibilita trazer gestualmente um vocábulo oral, ou seja, fazer a transliteração do português



Quadro 3 Continuação...



Fonte: elaboração própria.

Além dessas imagens, trazemos um vídeo com a prática gestual da dactilologia ou soletração manual para que possam visualizar e posteriormente treinar o alfabeto em Libras. Após isso, seguimos com a explicação contextual e o uso desse recurso na língua de sinais, em interlocução e como ponte interativa para a língua de sinais, ou seja, transposição lexical da língua oral, no caso a língua portuguesa, para a Libras.

Vídeo 2 Vídeo para estudo do alfabeto manual.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/8efGWCCcJHs>.

Fonte: elaboração própria.

Como os sujeitos surdos estão imersos em países que têm as línguas orais como línguas oficiais e como elas são usadas majoritariamente e oficialmente pela população nos mais variados espaços institucionais, as línguas de sinais convivem, inevitavelmente, com as línguas orais, ou seja, estão em contato com as línguas orais cotidianamente. Desse modo, essas línguas de sinais são afetadas e afetam as línguas orais. Ou seja, há uma interafecção entre elas pelos seus falantes, sendo eles bilíngues (quando aprendem e usam os dois idiomas, no caso, Libras e Língua Portuguesa).

Como fazemos a transliteração de termos das línguas orais que não possuem tradução direta nas línguas de sinais, por conta da distinção da modalidade? Quando usar esse recurso linguístico?

Há inicialmente a transliteração pela dactilologia da palavra, por exemplo, quando o sinalizador questiona dado vocábulo da língua portuguesa para verificar se há algum sinal específico que possa trazer a compreensão e o sentido ao vocábulo dado nessa língua de partida. Não havendo nenhum “sinal”, usa-se o recurso da soletração manual, apresentando gestualmente o léxico da língua oral. Depois disso, parte-se para a expansão conceitual e do sentido do léxico, com explicações contextuais, e muitas vezes a pessoa surda opta por um sinal “criado” para aquele novo vocábulo e para aquele momento apenas. Esse “sinal provisório” poderá ser usado exclusivamente naquela ocasião, entre os interlocutores, ou ganhar novos sujeitos que farão o mesmo uso. Assim, na maioria das vezes, nesse tipo de combinado, trata-se de sinais efêmeros que servem para o momento da interação e depois podem não mais ser usados, nem mesmo pelo “criador” daquele sinal, isto é, seu uso real e funcional não se espalha para a comunidade linguística local. Além desse uso mencionado, a dactilologia serve para registrar gestualmente nomes próprios da língua oral, endereços, localidades. Na videoaula da Unidade 1, esses elementos e o uso da dactilologia serão mais detalhados.

E para fechar esse tópico temos que mencionar que, assim como cada sujeito tem um nome próprio que o identifica na sua língua materna, na Libras isso também se dá. O sujeito que é participante ativo das comunidades surdas recebe um “sinal de batismo”, que é um nome sinalizado na modalidade espaço-gesto-visual e que corresponde a uma característica visual marcante sua. Essa marcação representativa é eleita pelo grupo surdo e pode ser pela relação da visualidade ou pelo modo de comportamento do sujeito. Tal representação visual identifica o sujeito na língua de sinais e passa a ser seu “sinal de identificação pessoal”, no caso, na Libras.

Exemplificamos o “sinal” dos professores Guilherme e Vanessa, respectivamente, e a dactilologia, na transliteração gestual de seus nomes próprios.

**Quadro 4** Sinais de identificação e dactilologia.



Fonte: elaboração própria.

Esperamos que, após a leitura desta unidade, as informações e os conhecimentos abordados tenham trazido motivação e interesse para o estudo e contato com essa língua e com a comunidade surda. Seguimos com descrições dos aspectos visuais na Libras e sobre como se dá a organização sintático-visual dessa língua.

# Visualidade e a Libras: simultaneidade da Libras em sua organização gramatical

A visualidade é uma característica que adjetiva os surdos e as línguas de sinais. Tanto a pessoa surda quanto as línguas de sinais são visuais. A apreensão dessa característica é essencial para a apropriação dessa língua, para a compreensão das singularidades das vidas surdas e para a afirmação de que as línguas de sinais são línguas naturais e, portanto, possuem aspectos linguístico-gramaticais em sua estruturação de funcionamento.

Nesta unidade focamos na apresentação da visualidade da Libras e esperamos que esse conteúdo facilite para vocês, alunos, a apropriação desse sistema de modalidade espaço-gesto-visual. Para Nascimento e Daroque (2019, p. 46), a modalidade linguística pode ser descrita como “um conceito utilizado para expressar os diferentes tipos de materialidade da linguagem humana e está relacionado, diretamente, com as vias de produção e de recepção das línguas”. Mencionam quatro modalidades, sendo elas: oral auditiva, gesto-visual, cinestésico-corporal e gráfico-visual (NASCIMENTO; DAROQUE, 2019). Neste tópico daremos ênfase à segunda modalidade apresentada pelos autores, nomeada por eles de gesto-visual, também conhecida como espaço-gesto-visual, visuogestoespacial, gestuovisual, entre outros. Neste livro, usamos o termo *espaço-gesto-visual* para nos referir à Libras e a seu funcionamento de uso, com produção pelo gesto, num espaço específico para produção e com a recepção discursiva pelo canal visual.

Para avançar na análise sobre a organização dos enunciados nas línguas de sinais, escolhemos trazer a explicação da composição dos signos linguísticos (um léxico com uma forma e dotado de sentido entre seus falantes) das línguas de sinais. É válido reforçar que as línguas de sinais não são “a versão sinalizada das línguas orais”. Elas têm a sua organização, que é distinta das línguas de natureza oral-auditiva (NASCIMENTO; DAROQUE, 2019). Qualquer

conceito pode ser representado nas línguas de modalidade gesto-visual, mesmo os conceitos abstratos, portanto, não há limites para a produção discursiva nas línguas dessa modalidade. Podemos contar piadas, falar de filosofia, produzir literaturas, narrar diversos gêneros cotidianos. Os enunciados dessas línguas também se agrupam em unidades lexicais, que são as palavras de uma língua (NASCIMENTO; DAROQUE, 2019), e sobre cada unidade são imputados sentidos em sua produção.

Estudos sobre as línguas de sinais mostram que elas, como as línguas orais-auditivas, possuem um número finito de palavras e são produzidas por unidades mínimas. É, portanto, a junção dessas unidades mínimas que constituem seu léxico. Willian Stokoe, na década de 1960, foi um dos precursores de tais investigações, defendendo as línguas de sinais como línguas naturais, e em seus estudos apresenta a decomposição do léxico (nas línguas de sinais) em unidades menores, as quais chamou de *Parâmetros Mínimos (PM)*: configuração de mão; pontos de articulação ou locação; e movimentos. Veja na Figura 1 o registro do sinal “AMANHÃ” em Libras e as suas unidades mínimas, decompostas com base nos indicativos dos estudos de Stokoe. Posteriormente a esses estudos, outros parâmetros foram acrescentados, como as orientações da palma da mão e as expressões faciais e corporais, conhecidas como expressões não manuais (NASCIMENTO; DAROQUE, 2019). Portanto, após os estudos de Stokoe, além dos três PM apresentados, acrescentaram-se dois, sendo então cinco os parâmetros mínimos. Veja o exemplo dos três PM descritos por Stokoe (1960) a seguir.



Figura 1 Três Parâmetros Mínimos.

Fonte: elaboração própria.

Xavier e Barbosa (2014) afirmam que os parâmetros mínimos das línguas de sinais equivalem às vogais e consoantes articuladas entre si para a produção de um léxico nas línguas orais, ou seja, aos fonemas que compõem

determinado léxico. Assim, uma palavra, sinal ou um léxico de dada língua pode ser decomposto em suas unidades menores.

Segundo Brito (1995), os léxicos, que se constituem a partir dos PM, podem se organizar de forma simultânea nas línguas de sinais, e esta seria uma característica distinta da organização linear das línguas orais – organização sequenciada de uma sílaba após a outra, numa dada palavra/léxico, ou ainda uma palavra após a outra em determinada sentença. A linearidade é algo presente nas línguas orais, distinguindo-se das línguas de modalidade espaço-gesto-visual (NASCIMENTO; DAROQUE, 2019).

Tratamos então das motivações que compõem a criação de um “sinal” – termo usado para se referir ao léxico nas línguas de sinais. Portanto, pontuamos quatro elementos que nos auxiliam a pensar sobre isso, a saber: o par iconicidade e arbitrariedade para os “sinais/léxico” e posteriormente o par linearidade e simultaneidade para as sentenças sintáticas. Tais funções ajudam-nos a descrever o modo como tais aspectos funcionam na organização sintática da Libras (ALBRES, 2012b). Para abordar esse tema trataremos algumas exemplificações.

Seguimos com o exemplo desta sentença no vídeo a seguir: “O gato subiu feliz na árvore”.

**Vídeo 3** Sentença em Libras de “O gato subiu feliz na árvore”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/TbwO1whUSls>.

Fonte: elaboração própria.

A linearidade da Libras ocorre na parte fonético-fonológica da construção de um “sinal”, que se refere à configuração de mão, ao ponto de articulação e ao movimento de cada léxico. Mas também se refere às mudanças dos PM em cada léxico, ou seja, às modificações na forma da mão para produção de outro léxico, verificando-se a alteração das configurações de mão na produção do sinal. Para a produção do léxico, inicia-se com uma forma e finaliza-se o vocábulo com outra configuração. Há sequência correta da forma 1 para a forma 2, portanto, a segunda configuração de mão (CM) necessariamente deve ser feita apenas após a primeira ser encerrada. Além da alteração no formato da mão há a associação a outros movimentos necessários para a produção do sentido do “sinal”. Esses deslocamentos e alterações precisam acontecer, e a ação deve se dar uma após a outra. Por isso, tais ações caracterizam a produção de elementos lineares na língua de sinais. Para resumir, então, a linearidade está na produção de um sinal após o outro, com a sequência necessária para a produção de um sinal depois de outro na sentença.

Veja que na sinalização a construção da cena, visualmente, é explorada e feita no espaço neutro (posição à frente do corpo). Trazemos uma imagem em paralelo à produção em Libras para marcar a visualidade gestual na construção da cena. É fundamental construir essa visualidade encenada em léxicos para narrar o ocorrido pelo discurso. Inicialmente está presente e descrito o solo, que será a base para a árvore, então a mão inversa realiza o “sinal” da “árvore” e do “gato” simultaneamente, e, classificando a forma de seu olhar e pulo, há sobreposição das mãos, em que é possível fazer a ação verbal e visual da subida do gato na árvore. Nessa sentença, marca-se a simultaneidade, não apenas no interior de um léxico, pelos *Parâmetros Mínimos* sobrepostos, mas pelos “sinais” e pela interação entre as palavras que compõem essa sentença. Para a sinalização da cena, há a necessidade de compor o local para, só depois disso, produzir a sinalização do sujeito da ação.

Nessa ilustração temos a presença de “sinais” mais icônicos e alguns “sinais” mais “arbitrários”. Para Albres (2012a, p. 26), a iconicidade pode ser explicada como sendo “a propriedade das palavras ou dos sinais de tomar como base para sua criação as características físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente”. É interessante essa explicação dada pela autora, pois nela percebemos a motivação para a produção do sinal, isto é, a relação com a forma

ou com o uso cultural de determinado objeto, sendo mais fácil perceber o sentido do sinal ou da palavra no ato da produção enunciativa. Há uma relação de sentido estabelecida na forma expressa pelo significante verbal (palavra ou sinal). Destacamos novamente que na Libras é possível realizar um signo com uma mão e outro com a mão oposta, e isso pode ser executado ao mesmo tempo. Essa é uma característica que podemos marcar da simultaneidade nessa língua, por vezes, diferente das línguas orais. Usamos a marcação “por vezes” porque há simultaneidade presente nas línguas orais, em marcação prosódica, mas o uso é menos recorrente. Assim como a linearidade está presente na produção enunciativa da Libras, mas há uma maior predominância da simultaneidade.



**Figura 2** Sentença “O Gato subiu feliz na árvore”.

Fonte: elaboração própria.

Com isso, entendemos que nas línguas orais predominam mais as produções enunciativas em que se tem a linearidade, enquanto nas línguas de sinais a simultaneidade é muito presente, por poder manter dois léxicos num mesmo momento de enunciação de modo concomitante. Sobre isso, Quadros e Karnopp trazem esta ilustração sobre os fonemas (unidades mínimas na produção do léxico) nas línguas orais e nas sinalizadas.

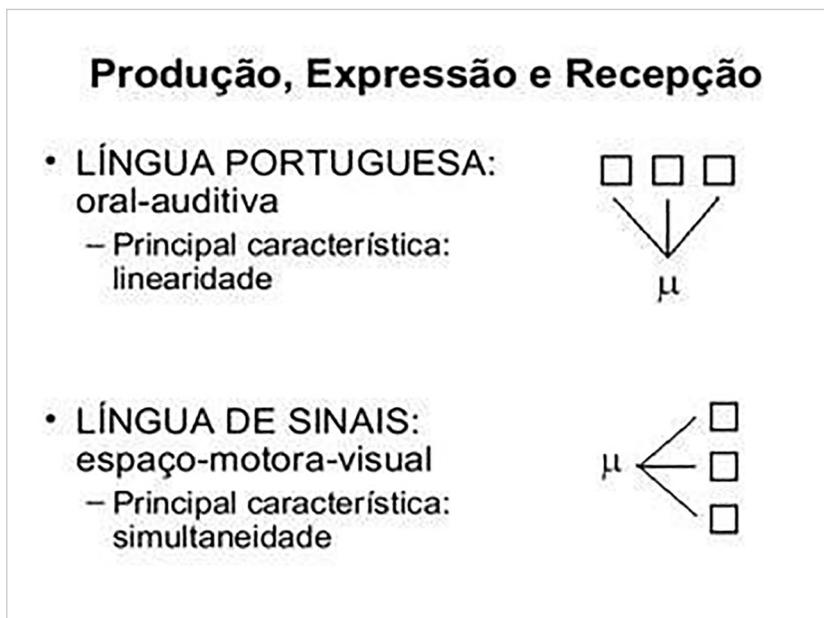


Figura 3 Parâmetros Mínimos na Língua Portuguesa e na Libras.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 49).

Seguem exemplos de sinais icônicos que trazem uma relação visual maior com o objeto. A iconicidade acontece tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, mas é importante lembrar que o elemento representacional do objeto é cultural e combinado socialmente, portanto, mesmo que icônico, há arbitrariedade no léxico.

Quadro 5 Sinais icônicos na Libras.



Quadro 5 Continuação...

Telefone	
	
Árvore	
	

Fonte: elaboração própria com imagens retiradas de bancos de imagens gratuitos.

Avião – [https://br.freepik.com/fotos-gratis/coloque-voando-no-ceu-do-por-do-sol\\_1145588.htm#page=1&query=avi%C3%A3o&position=2&from\\_view=author](https://br.freepik.com/fotos-gratis/coloque-voando-no-ceu-do-por-do-sol_1145588.htm#page=1&query=avi%C3%A3o&position=2&from_view=author). Criado por onlyyouqj.

Telefone – [https://br.freepik.com/fotos-gratis/telefone-antigo-na-cor-vermelha-isolado-na-superficie-branca\\_14576007.htm#page=1&query=sergiorojoes&position=4&from\\_view=search](https://br.freepik.com/fotos-gratis/telefone-antigo-na-cor-vermelha-isolado-na-superficie-branca_14576007.htm#page=1&query=sergiorojoes&position=4&from_view=search). Criado por sergiorojoes.

Árvore – [https://br.freepik.com/vetores-gratis/conjunto-de-design-de-arvore-diferente\\_3875712.htm#page=1&query=%C3%A1rvore&position=1&from\\_view=author](https://br.freepik.com/vetores-gratis/conjunto-de-design-de-arvore-diferente_3875712.htm#page=1&query=%C3%A1rvore&position=1&from_view=author). Criado por brgfx.

Para mostrar mais uma construção de léxicos e sua relação visual, efeito significativo e mobilizador para a sua emergência, mostramos a nova produção de alguns vocábulos, que foram criados pela necessidade de se falar mundialmente sobre a recente descoberta da doença Covid-19, provocada pelo novo Coronavírus. Seguem imagens do sinal inicial para o vírus e sua posteriormente mudança, ou seja, a variação para o sinal lexical que arbitrariamente foi convencionado pela comunidade surda brasileira. A mudança

de uso de léxico deu-se pelo contato das pessoas surdas com os discursos atuais sobre a doença e o novo vírus, além do impacto produzido pela característica visual após contato com a imagem divulgada do novo Coronavírus: o formato arredondado e as hastes que contornam todo o vírus.

**Quadro 6** Mudanças no sinal para Coronavírus.

Coronavírus



Fonte: elaboração própria.

Notem a correlação visual do segundo “sinal” aos aspectos icônicos da descrição imagética do vírus. A mão aberta ao redor da mão dominante, que está fechada, produz as hastes que se projetam para fora desse corpo arredondado do vírus. Nesse sentido é que reforçamos o quanto as línguas são dinâmicas, se ampliam em repertórios a partir da necessidade de se falar sobre algo. É uma questão cultural a produção de novos verbetes em dada língua, por conta do uso dos falantes e de suas necessidades produtivas. A criação lexical em Libras está relacionada à forma visual do objeto a ser enunciado. Portanto, para imersão e aprendizado dessa língua o falante deve estar atento aos aspectos visuais, às formas, ao modo de funcionamento real do objeto ou do contexto que será apresentado e descrito em seu discurso.

E o que significa a arbitrariedade de um léxico? É a convenção do signo pelos falantes de determinada língua. Isoladamente um falante não pode escolher uma forma linguística criada por si para se referir a algum léxico. Na Libras a arbitrariedade se dá nos sinais que não têm relações diretas com o dado da realidade que representam.

Para fechar esta unidade trazemos mais uma organização da produção do discurso em Libras e que é muito recorrente: a topicalização. Esse processo consiste em trazer o tema, o tópico da sentença, para o início da produção discursiva, ou seja, traz-se o tema, e o resto da frase será destinado ao comentário do tópico destacado. Vejamos um exemplo para

a frase “O cachorro atacou o gato”. Perceba que a topicalização está na descrição inicial do objeto da sentença, o gato que foi atacado. Há uma inversão do complemento, e pela escolha de descrever o gato, como ele caminha e com o corpo na posição em que está marcado, há indicativo de que o cachorro avançou sobre ele. Veja aí uma sentença topicalizada.

**Vídeo 4** Produção em Libras de “gato caminha e é atacado pelo cachorro”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/qhzNQPWC5dM>.

Fonte: elaboração própria.

Com esses exemplos que tratam da visualidade na Libras e do modo de produção das sentenças nessa língua, seguimos para a próxima unidade, agora destacando os aspectos da expressividade como elemento gramatical da Libras.



## Expressividade como elemento gramatical

Nesta unidade trouxemos aspectos da expressividade facial e corporal como elementos básicos que compõem os aspectos gramaticais na Libras. Por ser uma língua natural, como já abordado anteriormente, nela e por ela é possível a produção de signos linguísticos e neles/por eles se carrega a expressão de conceitos linguísticos variados.

Nesta unidade, portanto, objetivamos mostrar como as emoções são expressas nessa língua, bem como apresentar as metáforas como figuras de linguagem presentes também na Libras e que servem para identificar algo pela comparação subjetiva, pela semelhança ou analogia entre elementos. Iniciemos pela caracterização metafórica na língua portuguesa da seguinte expressão: “Você é um gato”. A palavra gato aqui nessa frase não se refere ao animal; seu uso, portanto, não é literal. A adjetivação refere-se à beleza do sujeito. Esse exemplo é usado na língua portuguesa. Já na Libras temos outras produções. O exemplo que trazemos aborda a característica visual dos sujeitos surdos. É comum dizer que determinada pessoa tem “olho vivo”, e isso quer dizer que ela é muito esperta, sagaz, atenta. A adjetivação não se refere à qualidade vital desse órgão, mas à destreza de determinado sujeito.

No caso das expressões faciais e corporais, estas são usadas como elementos gramaticais da Libras e requerem o aprendizado e o treino da expressividade pelo sujeito que faz seu uso. Segundo Nascimento e Segala (2019, p. 124), “todas as comunidades humanas partilham de um sistema semiótico comum para se comunicarem”, e isso é a base para a interação entre seus membros. Na Libras isso não é diferente, e por isso temos comunidades surdas espalhadas em nosso país, representadas por diversas associações de surdos e demais espaços de encontros coletivos entre surdos e ouvintes para que se estabeleçam as trocas sociais.

Para compartilhar uma ideia e um conceito comum, é necessário uma materialidade ou um veículo de comunicação, e a língua, além de outras funções, tem essa característica. Nessa direção os autores reiteram que

A partilha de um sistema comum só é possível porque a linguagem, capacidade de estabelecer interações com o mundo, os outros e nós mesmos confere-nos a condição de humanidade e, especificamente, torna-nos aptos a perceber o mundo e a realidade que nos circunda. Se a realidade é construída socialmente e, por isso, partilhada, logo, a partilha só é possível por um terreno comum de simbolização: a língua (NASCIMENTO; SEGALA, 2019, p. 124).

Portanto, é imprescindível para a circulação de uma língua que haja um espaço comum de trocas, em uma “comunidade organizada socialmente”, para que haja a “aquisição de um sistema partilhado de signos” (NASCIMENTO; SEGALA, 2019, p. 124-125). Os autores, baseados na perspectiva vygotskyana, defendem que a língua é um instrumento de constituição psíquica e subjetiva, porque se coloca na organização do pensamento e da linguagem do sujeito. Além dessa organização subjetiva, a linguagem, pela língua, é responsável pela construção de conceitos e sua formação interna no pensamento. Segundo Oliveira (1992 p. 127),

Os conceitos são construções culturais, internalizadas pelos indivíduos ao longo do seu processo de desenvolvimento. Os atributos necessários e suficientes para definir um conceito são estabelecidos por características dos elementos encontrados no mundo real, selecionados como relevantes pelos diversos grupos culturais. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que vai lhe fornecer, pois, o universo de significados que ordena o real em categorias (conceitos), nomeados por palavras da língua desse grupo.

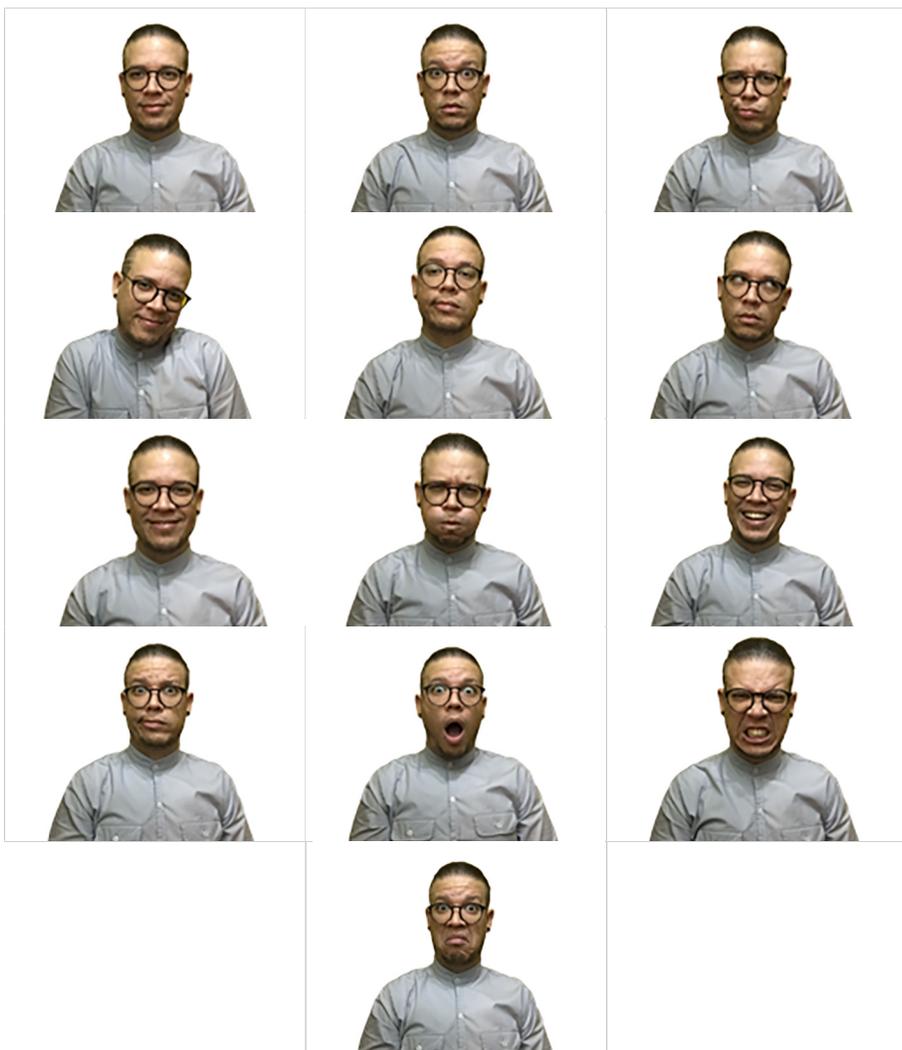
São conceitos representados por meio de um registro verbal (oral ou gestual) que compõem uma forma de representação do real, e a essa forma (acústica ou gestual) se colam sentidos ou significados, como abordado por alguns pesquisadores linguistas. Essa dupla articulação de um conceito ou signo, pelo significante e significado, foi descrito por Ferdinand Saussure. Autores mais sociointeracionistas, como Vygotsky, que foca a constituição subjetiva pela mediação e interação com o outro, apontam que a relação de sentido em dado signo é sempre contextual e histórica, portanto, é produto de uma realidade experiencial e que se move a partir

do locutor e do interlocutor. Nesse caso, o sentido é construído socialmente, diferentemente da ideia de haver um significado fechado. Portanto, a construção do sentido é sempre aberta para todos os signos linguísticos, por ser algo compartilhado entre falantes e porque o signo linguístico é sempre algo que produz sensações experienciais ao sujeito no ato de seu uso, sempre dentro de um contexto de produção e enunciação. Assim, na partilha de um sentido entre falantes, “a língua se constitui como um terreno comum, partilhado de construção de conhecimento, percepção da realidade, compartilhamento de ideias e expressão, legítimos de uma comunidade” (NASCIMENTO; SEGALA, 2019, p. 128).

Sobre as expressões e as formulações de conceitos em Libras, Nascimento e Segala (2019) afirmam que o espaço é a base enunciativa para a construção do discurso em línguas espaçovisuais. Nas línguas dessa modalidade é importante descrever o uso das *expressões não manuais* (ENMs), como as faciais e corporais, como marcadores enunciativos e que funcionam no “âmbito linguístico” (NASCIMENTO; SEGALA, 2019, p. 128). As ENMs possuem “dupla função na comunicação: afetiva e gramatical” (NASCIMENTO; SEGALA, 2019, p. 132).

Selecionamos algumas expressões faciais para descrever alguns de seus usos possíveis na composição de variados sentidos em enunciados distintos. Observe nas imagens do professor Guilherme Nichols, a seguir, que certamente elas trarão sentidos variados para vocês, e por meio dessas expressões acopladas em um enunciado são produzidas diferentes sintaxes: afirmação, exclamação, questionamento, concordância. Portanto, reforçamos que as expressões faciais são responsáveis pela estrutura gramatical na Libras. As imagens em si compõem sentidos. Vejamos:

Quadro 7 Expressões faciais.



Fonte: elaboração própria.

Como funções afetivas, elas expressam sentimentos e emoções, estando pareadas às prosódias nas línguas orais (entonação de voz) que, por vezes, na língua oral também estão acompanhadas por gestos e expressões faciais e corporais. Nesse sentido, há uma proximidade de uso desses marcadores,

das línguas de sinais, em funções afetivas das ENMs, tal qual usadas por falantes de línguas orais. Todavia, essas expressões também se constituem, na Libras, como elemento gramatical e muitas vezes estão atreladas a um “sinal”, léxico, também chamado de unidade lexical, e nesse caso, funcionam de maneira diferente das línguas orais. Portanto, as ENMs são unidades gramaticais das línguas de sinais.

Veja no exemplo a seguir léxicos/sinais que expressam sentimentos, e eles devem estar vinculados, ou seja, sua produção depende da expressão facial para a construção de sentido.

**Quadro 8** Algumas expressões faciais na produção de adjetivos.

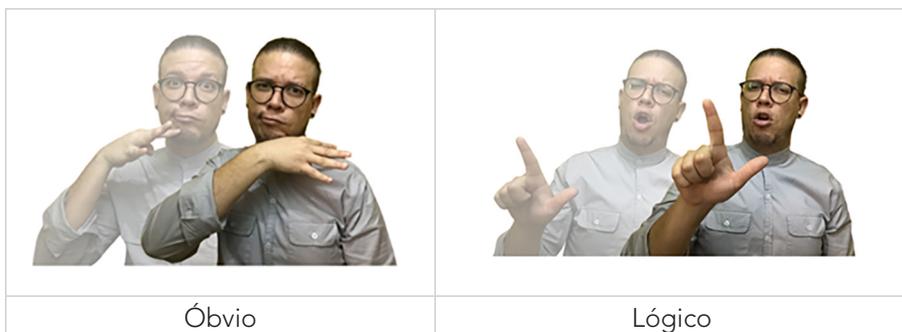
		
Triste	Alegre	Animado
		
Angustiado	Tenso	Nervoso
		
Preocupado		

Fonte: elaboração própria.

Em relação às expressões corporais, notem a seguir, no léxico/sinal “é óbvio” ou “lógico”, o leve movimento corporal, além do facial, quando há ênfase no enunciado. Verifiquem que a produção do “sinal” de óbvio está

com projeção corporal para trás, saindo do centro de produção do espaço neutro.

**Quadro 9** Mudança de espaço na expressão corporal para produção de sentido na Libras.



Fonte: elaboração própria.

Portanto, as ENMs na Libras são elementos gramaticais que auxiliam na intensificação do discurso, na marcação da sintaxe (negativa, afirmativa, exclamativa, interrogativa), além de, com os marcadores espaciais, algumas vezes incorporados a uma unidade lexical ou à sentença completa, poder marcar o período de ocorrência de determinado fato, isto é, se o enunciado está relacionado ao passado ou ao presente. Esses elementos gramaticais serão mais bem descritos nas unidades subseqüentes.

## Pergunta retórica e a produção de sentenças interrogativas na Libras

Como mencionado na unidade anterior, a marcação enunciativa de prosódia na Libras vai se dar por meio das Expressões Não-manuais (ENMs). Da Unidade 4 à Unidade 8 faremos um processo de demonstração de elementos gramaticais que compõem o uso da língua de sinais e seu contexto de produção, ou seja, com exemplos e aplicações da língua em uso. Queremos que o estudante possa adentrar as especificidades dessa língua e conhecer seus elementos contextuais e marcas de produções enunciativas na Libras. Neste momento do texto já deve ter ficado clara a afirmação de que a Libras é uma língua natural, de modalidade espaço-gesto-visual e usada por pessoas surdas e ouvintes que estão em contato com as comunidades surdas; que ela se organiza diferentemente das línguas orais, tal qual a língua portuguesa, e não depende dela para sua existência, ou seja, seu funcionamento estrutural é diferente e independente da língua portuguesa.

Além disso, deve ter ficado evidente que todo ser humano depende de uma comunidade linguística para as trocas sociais e para a construção de conceitos, ou seja, os conceitos são frutos da relação social, e só assim há a apropriação intrassubjetiva das funções da linguagem entre seus participantes; que a língua tem essa dupla função, de ligar um sujeito a uma dada comunidade social e de organização do pensamento individual da produção abstrata de conceitos, colocando-se, portanto, como instrumento social e intersubjetivo. Abordamos também que a língua é um fenômeno social, que ela é viva e se modifica ao longo do tempo, e os sentidos lexicais vão tendo novos contornos a depender do seu uso cultural e da relação material entre homem e mundo. Portanto, a linguagem humana é social. A língua como parte dessa linguagem maior é histórica e impossível de ser unificada entre todos os sujeitos, de variadas localidades e em tempos distintos. A língua é plural.

Após essa retomada, passamos a olhar um pouco mais os elementos internos do discurso em Libras para entender aspectos de sua constituição. Nesta unidade, interessa-nos a produção de perguntas retóricas e de sentenças interrogativas. Iniciamos com a explicação de o que são as perguntas retóricas e como elas são usadas em determinadas situações na Libras.

Muitos intérpretes, para construir o campo enunciativo no ato da interpretação para a Libras, fazem uso desta ferramenta discursiva, as “perguntas retóricas”. Elas entram como elementos de base para iniciar determinada temática que será tratada no decorrer de seu discurso. Para melhor exemplificar isso, faremos uma explanação do contexto de produção e depois traremos essas produções com imagens na Libras.

Imaginemos que um locutor “X” foi convidado para apresentar um balanço e suas considerações acerca do que temos vivido mundialmente com a pandemia do novo Coronavírus, além da repercussão e dos embates políticos e ideológicos para o combate à pandemia no Brasil, das divergências de posição quanto ao tratamento ou não para a doença/infecção. Na Libras, é comum que antes de iniciar o discurso propriamente dito o locutor produza, ou seja, organize um campo favorável para seu discurso, então recorre inicialmente ao uso da tal “pergunta retórica”, fazendo uma indagação para a qual na realidade ele não quer nenhuma resposta, mas apenas marcar o contexto de enunciação, quer dizer, deixar o solo pronto para então trazer o tema proposto.

Exemplo: “O Brasil está num momento bem tranquilo, todos podemos transitar normalmente, fazer viagens, ir a bares e fazer grandes festas, certo?”. Após a negativa advinda de seus telespectadores, o locutor pode ainda usar mais uma *pergunta retórica*: Não, mas “ISOLAMENTO SOCIAL, O QUÊ?”. E então o palestrante poderá iniciar o tema de interesse, falar do isolamento social e das políticas advindas desse novo cenário, manifestando que a nova onda mundial do isolamento social, provocada pelo novo Coronavírus, objetiva desacelerar o avanço da doença Covid-19. E depois do uso das “perguntas retóricas” pode ser usada uma pergunta real, na qual de fato o tema será tratado: “Então, o que é isolamento social?”.

Após essa segunda pergunta, sem de fato ter interesse direto pela resposta, o locutor pode prosseguir àquilo que de fato ele gostaria de tratar: a importância do isolamento social, os embates contra esse método e a narrativa de outras formas de percepção do combate à pandemia. Veja, portanto, que o percurso tomado pelo locutor envereda para a contextualização

inicial, por meio da produção de uma pergunta que, independentemente da resposta ou dos encaminhamentos do interlocutor, não mudará o foco daquilo que ele iria apontar. Essa contextualização e uso de pergunta retórica podem parecer muito comuns, também, nas línguas orais, mas na Libras elas têm uma aplicação maior e por vezes até necessária para a produção e organização do discurso na língua de sinais.

Outro exemplo desse uso retórico da indagação é a presença recorrente do “sinal” marcado para questionar algo (O QUÊ?), que é usado no início, no meio ou no final da narrativa. Embora o sinalizador em Libras não esteja fazendo efetivamente uma pergunta, o sinal marcador interrogativo aparece na produção enunciativa e, muitas vezes, deixa intérpretes de “saia justa” quando produzem a tradução na versão dirigida à língua oral. Veja o exemplo a seguir:

**Vídeo 5** Produção em Libras de “O tema desta palestra versa sobre a educação de surdos, e convido o palestrante para falar desse tema”, que em glosa ficaria “HOJE TEMA O QUÊ? ENTÃO, CONVIDADO PALESTRANTE SOBRE EDUCAÇÃO DE SURDO”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/K1ekmlVfqCc>.

Fonte: elaboração própria.

Nesse caso sinalizado pelo professor Guilherme, o apresentador do evento não está perdido sobre o tema que foi proposto, nem quer saber de fato a resposta do interlocutor. Na Libras, trata-se de um marcador introdutório do enunciado: “HOJE TEMA O QUÊ?”, como produzido em Libras no vídeo. Recortamos o sinal marcador da questão – “O QUÊ?” – como parte

fundamental da produção retórica que compõe discursos de abertura de qualquer fala em Libras.



**Figura 4** Marcador de pergunta retórica – O QUÊ?

Fonte: elaboração própria.

Portanto, numa interpretação simultânea dessa sentença em Libras, uma versão coerente para a tradução ao português seria “O tema desta palestra versa sobre a educação de surdos e convido o palestrante para falar desse tema”, anulando a pergunta. Veja que tais escolhas e suas diferenças se dão pela lógica estrutural de funcionamento das línguas, e com isso marcamos as distinções gramaticais entre elas.

Para fechar este tópico, passamos a apresentar as formas de produção de sentenças interrogativas na Libras, que podem variar em sua composição. Traremos alguns exemplos para ilustrar as possíveis combinações e o local em que os léxicos usados para a produção da questão podem variar. Além disso, é necessário afirmar que as ENMs, conforme estudo na unidade anterior, são elementos indispensáveis para que se produza uma sentença interrogativa em Libras. Desse modo, temos alguns marcadores feitos pela mudança de posição da sobrancelha e por expressões faciais que auxiliam na produção do sentido dessas sentenças. Vejamos as imagens a seguir:



**Figura 5** Expressão facial com a compressão da sobrancelha para marcar dúvida ou questionamento.

Fonte: elaboração própria.

A expressão de dúvida precisa ser acrescida ao léxico que trará a interrogativa na sentença, portanto, trata-se da expressão facial como elemento agregador e que deve ser combinada ao léxico de uma sentença interrogativa. Essa ENM deve vir sempre atrelada ao léxico em que se intensifica a pergunta, ou seja, a expressão facial deve ser feita no momento da realização do sinal em que se marca a pergunta. Embora a expressão interrogativa esteja presente na produção de toda a sentença, há um ápice em que marcamos mais a interrogação, e ela pode variar em posição na frase, no início ou no final, por exemplo:

**Vídeo 6** Produção em Libras de “LÁ ESCOLA VOCÊ VAI?”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/SpA7j9NXoe4>.

Fonte: elaboração própria.

Verifique a tradução em português da sentença produzida pelo Vídeo 6 em Libras: “Você vai à escola?”. Queremos reforçar pelo vídeo que na Libras a expressão interrogativa é marcada ao final da sentença, no momento em que há a marcação do sinal “IR/VAI”.



**Figura 6** Marcação da expressão interrogativa na sinalização de locação: VAI? – Glosa de sentença em Libras: LÁ ESCOLA VOCÊ VAI?

Fonte: elaboração própria.

No Vídeo 7, temos a marca ENM atrelada ao vocábulo AULA. Assim, é nesse ponto em que temos o ápice que marca a sentença interrogativa. Vejamos essa outra possibilidade de produção do marcador interrogativo pelas ENM – faciais – em perguntas de mesmo contexto:

**Vídeo 7** Produção em Libras de “HOJE AULA?”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/z2GNif40iq4>.

Fonte: elaboração própria.

Verifique pela imagem inicial do Vídeo 7 que o ápice da ENM está no momento em que o apresentador inicia o sinal usado para o vocábulo “AULA”. Assim, há mudança de momento de uso e de produção da ENM que marca a sentença interrogativa na Libras.

Nos Vídeos 6 e 7 mostramos duas formas distintas de fazer interrogações em Libras, pela variação da posição do sinal interrogativo, mas ambas levam a incorporação da expressão facial que marca a produção de sentença interrogativa. Nos exemplos do Quadro 10, temos o marcador interrogativo pela ENM combinada nos léxicos apresentados pelos sinais interrogativos. Portanto, é possível também usarmos léxicos destinados para perguntas: O QUÊ? COMO? QUAL? POR QUÊ? Vejamos o registro desses sinais.

**Quadro 10** Léxicos destinados para perguntas.



Fonte: elaboração própria.

Esses léxicos referem-se a perguntas e já produzem no interlocutor a percepção de que o enunciado se refere a uma indagação. Todavia, é possível que esses léxicos variem de posição na sentença, deslocando-se do início para o final. E ao léxico interrogativo se deve atrelar necessariamente a ENM destinada ao marcador interrogativo pela expressão facial; portanto, sua posição variará nas diferentes sentenças. Apresentamos três vídeos para que observem a variação possível das ENM para a produção da pergunta nas sentenças a seguir.

**Vídeo 8** Produção em Libras de “QUAL SEU NOME?”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/JzFUxFxiTb4>.

Fonte: elaboração própria.

**Vídeo 9** Produção em Libras de “SEU NOME QUAL?”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: [https://youtu.be/jn\\_aOgn7FbY](https://youtu.be/jn_aOgn7FbY).

Fonte: elaboração própria.

**Vídeo 10** Produção em Libras de “VOCÊ ESTÁ FELIZ PORQUE ACONTECEU O QUÊ?”.

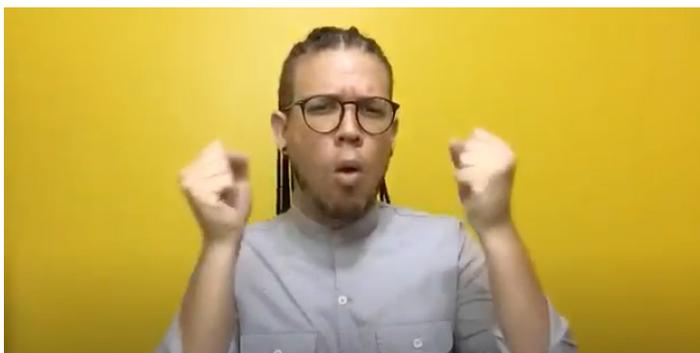


Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/kh3dGheSVyw>.

Fonte: elaboração própria.

Veja que nos sinais “POR QUÊ” e “O QUÊ” temos a marcação da expressão que produz a sentença interrogativa, ainda que o léxico já se refira a isso. Quando há o uso desses sinais, eles terão necessariamente a incorporação da expressão facial.

**Vídeo 11** Produção em Libras de “CARRO QUEBROU, ACONTECEU?”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/UaEP0RFC980>.

Fonte: elaboração própria.

Nesse último exemplo não há o léxico marcador da pergunta. Ele poderia estar, mas foi suprimido; mesmo assim é possível compreender que se trata de uma sentença interrogativa, pois há a expressão manual interrogativa incorporada e acoplada ao sinal usado para “ACONTECEU”. Na obra *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos* de Quadros e Karnopp

(2004), os estudos aqui mencionados poderão ser mais aprofundados, e por isso indicamos a leitura da obra. Seguimos para uma nova unidade, em que apresentamos outras formas sintáticas da Libras, em produções de frases negativas.

## Formas de produção de sentenças negativas em Libras

Nesta unidade, interessa-nos a apresentação de produções de sentenças negativas na Libras. Traremos alguns pressupostos recorrentes no enunciado em Libras quando se quer refutar algo. Do mesmo modo que apresentamos variações estruturais nas sentenças interrogativas, temos elementos textuais se deslocando em suas posições e alterando a organização sintática da sentença negativa. Abordamos nesta unidade os movimentos e mudanças sintáticas em uma frase enunciada em Libras para negar algo. Os argumentos e as descrições aqui trazidos estão de acordo com os estudos de Quadros e Karnopp (2004) e com a obra “Libras: aspectos fundamentais” de Lacerda, Santos e Martins (2019).

Reforçamos que a sintaxe corresponde à área da linguística que se volta aos estudos da “relação que as palavras estabelecem entre si, no interior das sentenças”, isso porque é ela, a sintaxe das línguas de sinais, que “se compromete com a estrutura das sentenças” (CAMPOS; ALMEIDA, 2019, p. 79), com sua organização e com a inter-relação entre os elementos lexicais. Assim posto, passamos a apresentar formas possíveis de produção de negação em Libras.

É possível usar sinais de negação, e a seguir colocamos alguns deles que já comportam em si a produção do sentido negativo.

**Quadro 11** Sinais em Libras que correspondem a léxicos com sentido negativo.



Fonte: elaboração própria.

Além disso, em alguns verbos a negativa na frase é feita pelo movimento contrário do sinal original. Como apresentamos em unidades anteriores, na descrição de um sinal podemos fazer a sua decomposição em parâmetros mínimos. Então, temos a configuração de mão, a locação ou ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma da mão, o direcionamento e as expressões não manuais. Nesse caso, para que se faça a negativa de alguns verbos, não é necessário acoplar na sentença um “sinal negativo”, como o NÃO, NUNCA, AINDA NÃO, mas fazer o movimento contrário do sinal originário. Para que fique mais clara essa explicação, veja o exemplo a seguir deste enunciado topicalizado:

**Quadro 12** Frase topicalizada para a produção em português, “Quer comer pizza?”.



Fonte: elaboração própria.

Vamos relembrar esse conteúdo: a topicalização é a ação de trazer o tema central do enunciado para o início da sentença, dando destaque a ele, e posteriormente trazer o complemento (QUADROS; KARNOPP, 2004). Então, feita a topicalização, na sentença anterior, trazendo a ação para o início da frase, reparem que a expressão facial de intensidade e exclamação, que confirma o desejo de comer a pizza, fica marcada no momento da sinalização do desejo pelo ato: o “QUERO” ganha destaque com a expressão facial. Agora vejamos a mesma sentença de forma negativa:

**Quadro 13** Frase em Libras de sentença negativa topicalizada para “Não quero comer pizza” – tradução em Língua Portuguesa.



Fonte: elaboração própria.

O movimento contrário do sinal “QUERO” para “NÃO-QUERO” é o que faz a negação da sentença. Portanto, seria uma redundância, além do sinal que já comporta a negação, ainda colocar o sinal “NÃO” na mesma frase. Mas os surdos sinalizadores por vezes fazem essa redundância em interações reais para marcar ainda mais o quanto não querem aquela situação, ou seja, reafirmam pela dupla negação o quanto rejeitam determinada situação enunciada, como se fosse a marcação de que não quero mesmo, de jeito nenhum, ou, ainda, em hipótese alguma.

Brito (1995, p. 64), em relação ao movimento na construção de um sinal, aponta que

para ocorrer o movimento é necessário haver um objeto e um espaço, sendo que, nas línguas de sinais, a representação do objeto é (são) a(s) mão(s) do enunciador, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (espaço do enunciador) é o entorno do corpo do enunciador. Os movimentos podem ser usados como morfemas, isto é, eles podem ser incorporados (afixados) a um sinal (raiz).

Seguimos apresentando mais verbos que em sua forma negativa levam o movimento contrário do sinal de origem, em sua produção afirmativa.

**Quadro 14** Verbos em Libras com movimentos contrários para a forma negativa.



Fonte: elaboração própria.

Ou seja, o movimento inverso ou uma alteração no movimento fazem a negação da ação. Então, nos casos em que se busca a negação da sentença temos sempre que analisar se são verbos independentes ou se dependem da ação contrária do movimento na incorporação lexical da negação.

Outro exemplo interessante a ser apresentado são as formas negativas dos dois próximos verbos, usados para o contexto enunciativo de que algo “NÃO-DÁ” ou “NÃO-PODE” acontecer. Eles não trazem os movimentos contrários do sinal de origem na forma afirmativa, mas se acoplam a ou incorporam em um único vocábulo a forma negativa e também descartam a necessidade de estar junto aos “sinais negativos”. Veja sua forma em Libras:

**Quadro 15** Sinal lexical em Libras para a tradução em Língua Portuguesa para não dá, não posso, não tem como.



Fonte: elaboração própria.

Agora passamos a apresentar as possibilidades de construção de sentenças negativas apoiadas pelos “sinais negativos” já destacados anteriormente. Veja o primeiro exemplo:

**Quadro 16** Exemplo de frase negativa em Libras marcada pela movimentação da cabeça e pela ENM.



Fonte: elaboração própria.

Nesse enunciado negativo, a topicalização do evento “ir à festa” faz com que o “sinal negativo” seja levado para o final da frase. É uma posição bem interessante para a negativa, porque essa produção, por falantes da Libras, é usada quando há o desejo de destacar o tópico, deixar bem demarcada a aversão a ele – ao evento. Portanto, possui até um tom irônico; inicia-se falando do evento, aparentemente afirmando a ação – por isso a topicalização da ação “ir à festa” –, e só ao final há a marcação da ação negativa: “não vou”. Há a sensação de que se trata de uma afirmação ou até mesmo uma pergunta retórica respondida ao final, com a negação afirmada pela expressão facial e o movimento de cabeça. A negação fica emblemática por estar no final da sentença. Portanto, em alguns casos, por esse uso, nota-se a produção como ironia ao contexto apresentado que, portanto, será negado posteriormente.

**Quadro 17** Frase em Libras com a negação no início com a ENM, movimento negativo com a cabeça e sinal negativo com incorporação contrária no movimento.



Fonte: elaboração própria.

Nessa sentença a ENM é acionada no processo todo da enunciação, como se estivesse marcando certo desânimo, já identificado na produção enunciativa. Nesse caso a frase não está topicalizada, e o “sinal negativo” é levado ao centro, após o léxico que demarca a não vontade de cozinhar.

Já o uso do “sinal negativo” no início da frase aparece em resposta imediata a uma pergunta, em interação real. Digamos que o locutor perguntasse algo do tipo “Você comprou o carro?”. Em Libras, o respondente poderia fazer algo assim:

**Quadro 18** Frase negativa em Libras com negação feita pela cabeça e o sinal negativo “Não-dá”.



Fonte: elaboração própria.

Nesse exemplo acima, a sentença inicia com um “sinal negativo”, e posteriormente se faz uso de um vocábulo único em que se acopla um verbo na forma negativa. É possível ainda fazer a negativa apenas com o movimento de negação da cabeça e a realização do “sinal” na forma afirmativa. Veja o exemplo:

**Quadro 19** Frase negativa para tradução em português de sentença referente a “não conheço isso”.



Tradução: CONHECER-NÃO (negação apenas pelo movimento com a cabeça + ENM).

Fonte: elaboração própria.

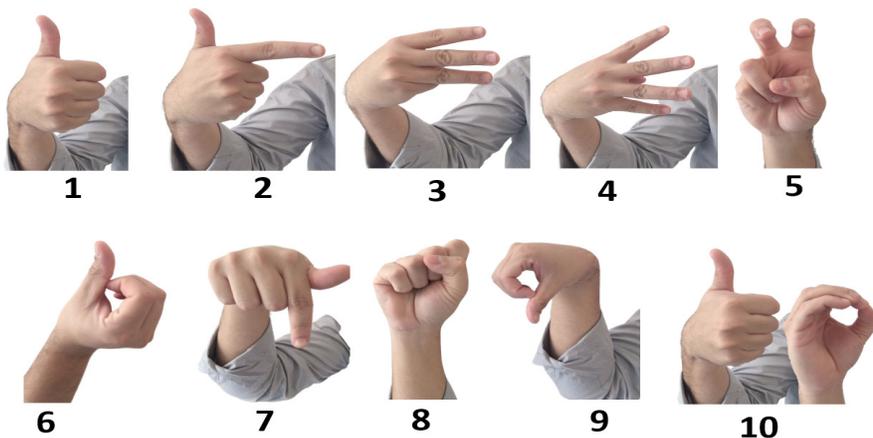
Outras formas podem ser realizadas, mas esperamos que com esses exemplos tenha ficado explícito que, numa interação real em Libras, os falantes dessa língua optam por formas variadas de produção de sentenças negativas e que a depender do contexto de enunciação teremos a possibilidade de uma ou outra forma. Com isso posto, seguimos para outra unidade de estudo.



## Números e sua utilização contextualizada

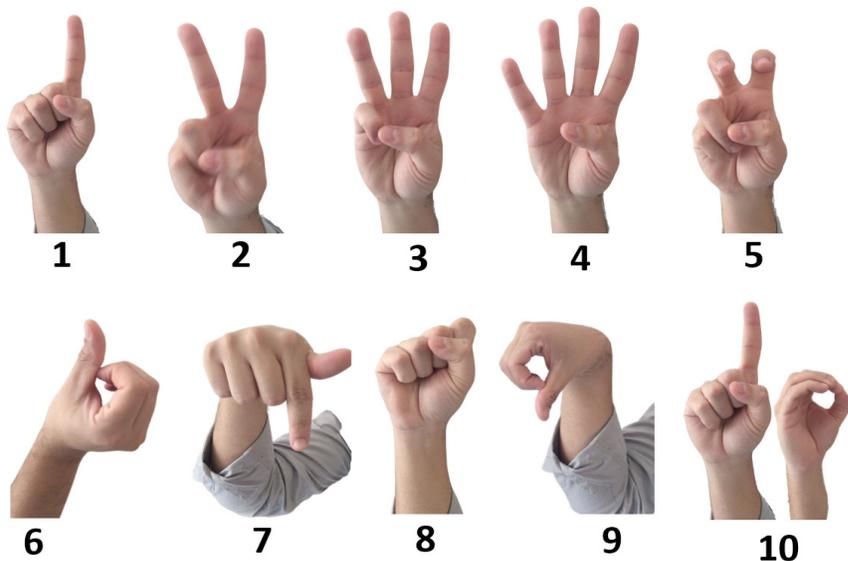
Nesta unidade temos a intenção de abordar o uso contextual dos números na sinalização, seu modo de realização, as formas que aparecem no discurso e suas variações. Iniciamos falando que os números cardinais e ordinais em Libras têm alterações no movimento e até na configuração de mão. Os números cardinais indicam uma quantidade (um, dois, três, quatro). Os numerais ordinais indicam um número de ordem ou posição numa série (primeiro, segundo, terceiro, quarto) e são representados majoritariamente de forma abreviada (1º, 2º, 3º, 4º). Vejamos a seguir como são sinalizados os números cardinais e ordinais em Libras.

Quadro 20 Sinais de números cardinais.



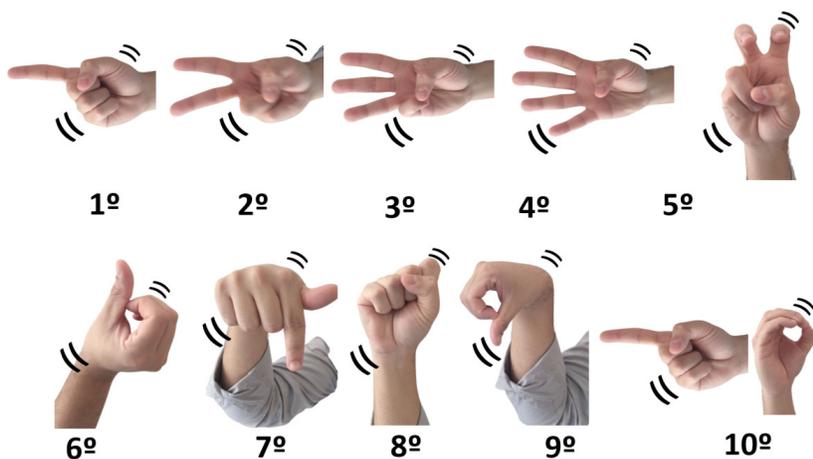
Fonte: elaboração própria.

Quadro 21 Sinais de números cardinais – referência à quantidade.



Fonte: elaboração própria.

Quadro 22 Sinais de números ordinais.



Fonte: elaboração própria.

Veja que o movimento dos números nas formas cardinal e ordinal é diferente. Nos números cardinais não há necessidade do balanço da mão, como ocorre nos números ordinais.

Faz-se relevante o movimento diferenciado para marcar valores monetários (moedas); se eu fizer o número 1 com a mão para cima e parada, posso representar um número ordinal, referente à idade de uma criança, por exemplo. Todavia, no contexto de custo de algo, para agregar a ideia de valor, o movimento com um dedo de um lado para outro evidencia que se trata de valor monetário, mesmo que o sujeito não sinalize a moeda referente (real, dólar, peso). Vejamos o exemplo a seguir.

**Quadro 23** Tradução na Língua Portuguesa: O bebê tem um ano, que grande e que lindo!

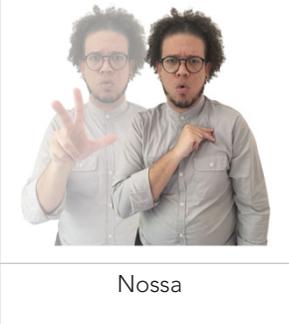
		
Idade	1	bebê
		
grande	lindo	

Fonte: elaboração própria.

Sobre a sinalização para falar da idade de alguém, destacamos que a marcação disso se dá na sinalização, na mesma sentença, do sinal "idade",

diferentemente das línguas orais que usam o vocábulo “anos” para dizer 2, 3 ou 4 anos de idade. O uso do sinal “ano” é suprimido na sinalização em Libras, devendo haver apenas a indicação do termo usado para “IDADE”. Sobre a referência à sinalização de valores, seguimos com a dupla forma de produção.

**Quadro 24** Tradução em Língua Portuguesa: Nossa, só um real, que barato!

		
Nossa	1 real (com movimento da mão no número 1)	barato
		
Nossa	1 REAL (dois sinais, sem movimento da mão no número 1)	barato

Fonte: elaboração própria.

Veja que, no segundo exemplo mencionando, o valor monetário, 1 real, é realizado ao fazer o uso do “sinal” da moeda, e nesse caso ao número ordinal não se agrega o movimento para frente e para trás. Já no primeiro exemplo da frase, retirando-se o “sinal” da moeda, “REAL”, necessariamente há a incorporação do movimento no número, para que ele se torne referência de valor monetário.

Seguimos com a mostra de alguns marcadores em Libras para os valores: mil, milhão, bilhão.

**Quadro 25** Sinais em Libras para sistema de numeração decimal com marcadores de quantidade.



Fonte: elaboração própria.

Vale ressaltar que temos sinais específicos para os números até o 9; do dez em diante fazemos a replicação dos números lateralmente, no espaço, fazendo o sinal dos números escolhidos linearmente um após o outro – da esquerda para a direita. Portanto, para sinalizar o valor 12, inicia-se a marcação espacial com o “sinal” 1 e posteriormente o “sinal” 2, com a mesma mão, deslocando a mão lateralmente no espaço, da esquerda para a direita. Isso subseqüentemente para todos os números. Quando se chega a valores centesimais, após o número 99, avança-se para a terceira casa, fazendo o movimento lateral e avançando mais uma casa marcada no espaço neutro de sinalização. Veja os exemplos dessa explicação.

**Vídeo 12** Produção de vídeo em Libras com uso de números. Tradução do vídeo em língua portuguesa: O número do meu telefone é 16-99710-2587. O ano, o mês e o dia do meu aniversário, sabe qual é? 25/12/1987.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/WHrsBhGF6Nc>.

Fonte: elaboração própria.

Em alguns números, não há avanços no espaço para marcar mudança decimal, porque isso pode ser realizado com um movimento incorporado à CM inicial. Veja o exemplo do “sinal” referente ao número 11. Pode ser feito o “1” + “1”, com deslocamento no espaço, mas pode-se incorporar o movimento na mesma CM, sem repetir o número subsequentemente, como no primeiro exemplo.

No vídeo a seguir apresentamos como é possível incorporar a produção monetária em um sinal pelo movimento. Já expressamos isso anteriormente, mas é interessante retomar o quanto esse parâmetro mínimo (o movimento) produz sentido em uma sentença, porque se coloca como elemento gramatical na Libras.

**Vídeo 13** Produção de vídeo em Libras explicando o uso do “sinal” do valor monetário e a incorporação no movimento para a produção do valor sem o sinal referente a ele.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/LDOHfwYzdaM>.

Fonte: elaboração própria.

Esperamos que esta unidade tenha trazido novidades e novos conhecimentos acerca das formas de uso dos números na sinalização e que percebam que, no uso real de qualquer língua, os falantes, pelo domínio da língua, vão fazendo supressões, ganhando velocidade na produção do discurso, o que dificulta por vezes a compreensão de quem está aprendendo determinada língua. Para fechar com esse tema, mostramos formas de usos diferentes em uma enunciação, por meio de um vídeo em Libras em que vemos dois falantes diferentes se encontrando e, na produção, notamos marcas produtivas distintas para a representação monetária do valor de R\$ 1.500,00 que aparece na sentença. No vídeo poderão ser verificadas duas formas de produção desse valor apreciado no diálogo ilustrado. Veja a produção a seguir.

**Vídeo 14** Produção em Libras de diálogo.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/MgoeaO9-OgU>.

Fonte: elaboração própria.

Com esse exemplo apresentado, passamos para a próxima unidade, trazendo aspectos das variações linguísticas na Libras e o regionalismo.



## Regionalismo e as variações linguísticas na Libras

Nesta unidade apresentamos as variações regionais na Libras. Sendo uma língua natural, nota-se a distinção de variantes entre seus falantes. As variantes linguísticas distinguem-se em quatro grupos: sociais (diatráticas), regionais (diatópicas), históricas (diacrônicas) e estilísticas (diafásicas). Essas variações em Libras serão aqui apresentadas para que se tenha maior entendimento do funcionamento dessa língua. Após mostrarmos as variações linguísticas e seu funcionamento, apresentamos metáforas da Libras e seu uso contextual por falantes.

As variações linguísticas em Libras acontecem, como em todas as línguas, de forma natural, quando seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização, trazendo modificações na forma e no repertório de seus sinais/léxicos. Essa variação tem, como mencionado, influência de vários fatores, como o estilo discursivo de um grupo, as variações que marcam práticas culturais de determinado grupo, o período histórico-temporal, as marcas linguísticas correlatas a dado período, bem como a caracterização social dos sujeitos, a classe social, ou seja, a relação econômica também influencia no modo de falar das pessoas. E com as pessoas surdas isso ocorre da mesma forma. As variações estão atreladas diretamente aos níveis fonológicos (que se refere à pronúncia), morfológico (no nível das palavras), sintático (na organização das sentenças) e a fatores sociais: a idade, nível de escolaridade e situação geográfica. Esses pontos destacados marcam o regionalismo na Libras.

Temos um sistema linguístico abstrato, que é adquirido pelo falante em manifestação individual de uso da língua – produto do coletivo –, e nesse sistema há regras e normas de funcionamentos incorporados pelos falantes. É pela fala individual, ou seja, no uso diário dos falantes de uma língua,

em expressões enunciativas individuais, que podemos ver a aparição das normas coletivas de dada língua. Essa manifestação da língua em uso pode ser nomeada de fatos linguísticos, tendo nesses fatos a aparição das variações regionais e as produções de regras pela funcionalidade da língua em situação real de interação e produção. Quando usamos as palavras “fala”, “falantes”, estamos nos referindo ao sistema linguístico e a todos os sujeitos que compartilham dele, mesmo os surdos quando falam/sinalizam pela língua de sinais.

Para exemplificar uma variação regional, imposta pela localização geográfica, temos a sinalização para a cor “VERDE”.

**Quadro 26** Sinal para a cor verde em diferentes lugares do Brasil.



Fonte: elaboração própria.

Nesse exemplo, temos uma variação completa do signo linguístico, no ponto de articulação, na configuração de mão, no movimento e na orientação da palma da mão. Podem ocorrer variações menores, apenas em um aspecto fonológico, como no exemplo dos “sinais” usados para a palavra avião, nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, em que há distinção de apenas um dedo na configuração de mão. Uma alteração discreta, mas que consiste em distinção no nível fonológico.

**Quadro 27** Variação dialetal em traços fonológicos com mudança na configuração de mão.



Fonte: elaboração própria.

Portanto, as variações na Libras ocorrem a depender da região em que os falantes residem, o que chamamos de regionalismo dialetal. Muitos ouvintes mencionam que seria melhor universalizar o idioma, ou seja, banir as variações dialetais e padronizar um único modo de sinalização. Todavia, isso é inviável, dado que todo sistema linguístico, incluindo a Libras, sofre processo de modificação cultural, e os usuários desse sistema vão acomodando as formas de uso e inovando a partir de suas necessidades de uso. Na língua portuguesa, essas variações também existem, dentro do Brasil, e ainda que haja algum ruído ou dificuldade de compreensão, por conta de tais distinções, um sujeito falante da língua portuguesa, com fluência, consegue rapidamente se ajustar e avançar na compreensão, mesmo com as diferenças regionais. Com isso, apontamos que a falta de fluência na Libras pode fazer com que incompreensões ocorram na sinalização. Isso não é porque há variações dialetais, mas porque falta domínio desse idioma para superar as variações linguísticas e para que a comunicação seja satisfatória, ainda que tenhamos as diferenças geográficas ou regionais. Para a linguística o regionalismo é um fato natural e jamais um problema a ser superado. Isso quer dizer que o uso da língua está para além da dicionarização e da gramática. Há um nível pragmático importante e que se refere ao uso e à produção de sentido dados dentro de um contexto de conversa. A língua está viva nas mãos e na boca das pessoas. Ela se transforma no processo interacional.

Como mencionado anteriormente, além da distância, da relação geográfica, há outros fatores externos que provocam a variação na língua e que são

da mesma forma importantes, porque produzem variações: a idade, o sexo e o contexto de inserção social do sujeito. Destacamos que cada sujeito produz um modo específico de sinalização, porque somos diferentes e nossas produções pela língua também o são.

Para finalizar esse tópico trazemos algumas metáforas em Libras para marcar as especificidades dessa língua e mostrar como suas produções são por vezes dissociadas da língua portuguesa. As metáforas, segundo o Dicionário de Oxford, são designações de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança. Iniciamos com o exemplo “OLHO CARO”, no quadro a seguir.

**Quadro 28** Gíria em Libras que se refere a uma pessoa muito atenta, muito esperta, sagaz.



OLHO



CARO

Fonte: elaboração própria.

Não encontramos essa expressão idiomática na língua portuguesa. Em Libras e para a comunidade surda ela se refere a uma pessoa que está sempre atenta, que é esperta e muito sagaz. Ter “OLHO CARO” é uma produção cultural, porque se refere a uma marca que aglutina pessoas surdas: o fato de a não audição trazer foco para a visão. Então, estar atento visualmente em tudo que se passa ao seu redor faz com que haja um valor significativo nesse olho observador, o qual se torna um bem precioso e, portanto, de grande valor, caro.

Outro exemplo interessante de expressão idiomática (gíria) é o termo “007”, para se referir a uma pessoa habilidosa, que faz coisas surpreendentes. Veja a produção da sentença em Libras num contexto de uso do “sinal” “007”.

**Vídeo 15** Produção em Libras para o uso da expressão “007”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/CMiBj7m9ILM>.

Fonte: elaboração própria.

Outra produção interessante nesse sentido estudado é a da expressão idiomática a que chamaremos de “sinalização nublada” que se refere a um discurso sedutor de alguém muito persuasivo; um discurso feito para enganar o outro, deixá-lo abobado, atordoado ou, ainda, coberto por uma nuvem de palavras que o cega pelo poder de convencimento discursivo. Segue vídeo com exemplos de uso dessa expressão nesse contexto.

**Vídeo 16** Produção em Libras para a expressão idiomática “Sinalização nublada”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/e-Y0SwePqRk>.

Fonte: elaboração própria.

O “sinal” para referir-se a uma pessoa de difícil diálogo é a expressão idiomática “cabeça dura”, que também é um exemplo metafórico, porque o “sinal” traz a qualidade da dureza enquanto adjetivo negativo do sujeito que se coloca num estado de paralisia, não havendo avanço oportunizado por trocas dialógicas. Veja a sinalização desse exemplo no vídeo a seguir.

**Vídeo 17** Produção em Libras da expressão idiomática “cabeça dura”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/zo11WGfsprM>.

Fonte: elaboração própria.

Escolhemos ainda o exemplo da metáfora ou expressão idiomática “fala comprida”, usada para mencionar a tagarelice de alguém, ou ainda para fazer menção a um bate papo longo, que se estendeu muito. Veja no vídeo como produzir essa metáfora em Libras.

**Vídeo 18** Produção em Libras da expressão idiomática “fala comprida”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/F9NCjNs4pyg>.

Fonte: elaboração própria.

Para fechar o conteúdo desta unidade, trazemos uma produção literária cultural de grande circulação na comunidade surda. Na sinalização da piada, vocês encontrarão o uso de algumas dessas metáforas apresentadas.

**Vídeo 19** Produção de piada em Libras: “A árvore surda”.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/vZqoafQpUgs>.

Fonte: elaboração própria.

Na piada, temos elementos culturais que fazem valer a pena a retomada: o qualitativo da visualidade como marcador cultural surdo personificado na árvore surda; há também a falta de interação, ou seja, a barreira comunicativa, que é algo muito destacado pela comunidade surda; a falta de comunicação, que gera desentendimentos quando não se tem o uso da língua de

sinais em situação interativa. O uso da Libras é o que produz a compreensão, para que o ato da queda da árvore ocorresse.

Esperamos que o conteúdo desta unidade tenha trazido mais esclarecimentos acerca da Libras e que a cada novo estudo vocês compreendam que a Libras é uma língua e que sobre ela recaem todos os processos de qualquer sistema linguístico.

# O espaço e a construção da ação verbal em Libras

Para finalizar nosso estudo nesta disciplina de introdução à Libras, retomamos a questão do uso do espaço, só que agora com a finalidade de analisar as alterações em léxicos que designam alguma ação, ou seja, léxicos verbais produzidos na Libras. Na língua portuguesa as palavras que designam o verbo sofrem alterações sufixais, na medida em que o morfema é alterado conforme o tempo em que determinada ação ocorre: passado, presente, futuro são marcados por mudanças no sufixo da palavra. Se me refiro à ação de dançar em determinada festa que já aconteceu, eu falarei que “no sábado fui a uma festa e dancei muito”. Veja que na língua portuguesa há a marcação sufixal “ei”, que está reforçada na escrita da palavra dançar. Portanto, na língua portuguesa o verbo “DANÇAR”, em sua forma infinitiva, terá a variação em função do número da pessoa ou das pessoas mencionadas no discurso e do tempo, ou seja, de quem se está falando (eu, ele, nós etc.) e o tempo (presente, passado, futuro).

Na Libras essa mudança do verbo é mais discreta e não ocorre de forma presa ao morfema, mas alterando-o em sua produção pela relação de composição de outro sinal que marcará a temporalidade (passado, presente e futuro). Veja no quadro a seguir alguns sinais que marcam a temporalidade, ou seja, “sinais temporais”, como os chamaremos aqui.

Quadro 29 Sinais de marcação temporal na Libras.



Ontem



Hoje



Amanhã



Já



Agora



Presente



Passado



Futuro

Fonte: elaboração própria.

Retomemos o exemplo narrado anteriormente na piada da “Árvore surda” e de sua queda ao final da história. “CAIR” é uma ação em que, na Libras, a depender do sujeito que age nesse verbo, teremos uma forma específica. Portanto, o morfema “CAIR” não é único, sendo difícil dicionarizar todas as formas possíveis de queda, porque essa ação, a de cair, está presa ao sujeito da ação, quem ou que cai. Essa é uma característica de classificação que

modifica a forma da produção dos verbos em Libras. No vídeo a seguir vocês terão vários exemplos de formas lexicais para o verbo "CAIR".

**Vídeo 20** Produção de vídeo em Libras com exemplo de variação do verbo "Cair" pela incorporação do sujeito ao verbo.



Para assistir ao vídeo, clique no link: [https://youtu.be/cO\\_Z\\_bRDemE](https://youtu.be/cO_Z_bRDemE).

Fonte: elaboração própria.

Agora que ficou claro que o sujeito age sobre a forma visual representacional do léxico verbal, retornamos aos exemplos de modos de produção de verbos e à ação da temporalidade pelo uso de "sinais temporais".

Na frase "ONTEM ESCOLA JÁ, AGORA ATIVIDADE EU-FAZER", que em português seria "Ontem fui à escola e agora estou fazendo a atividade", a marcação do gerúndio, ou seja, da ação que está ocorrendo neste momento, em curso, é feita pelo "bater na própria mão", e o verbo no passado está marcado pela produção de um sinal anterior que anuncia o tempo de ocorrência da ação. Veja o exemplo no vídeo a seguir.

**Vídeo 21** Produção de vídeo em Libras com exemplo de marcação da ação verbal no presente pela batida na mão.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/ycW84hPBf34>.

Fonte: elaboração própria.

Outro marcador temporal pode ser percebido no deslocamento do corpo: para frente, marca-se uma ação que vai acontecer futuramente, enquanto a produção de um enunciado projetando o corpo para trás se refere ao enunciado de algo que já aconteceu e que está sendo retomado pelo discurso. Veja o exemplo dessa produção no vídeo a seguir, com o uso do marcador temporal pela ENM, na expressão corporal, já estudada.

Para fechar este tópico, temos que apontar mais dois elementos importantes: a mudança verbal que pode ser marcada pela pessoa e pela intensidade. No primeiro caso, exemplificado mais à frente, temos a mudança do verbo, que pode ser considerada a ação de uma flexão verbal. Isso porque o verbo é alterado pela pessoa, ou seja, o movimento do sinal em Libras se modifica a depender de quem produz a ação. Assim, em casos de verbos em que temos a flexão, nota-se a incorporação do movimento e mudança da orientação da palma da mão a depender de quem realiza a ação.

Se for algo de mim para você ou de você para mim, em casos de verbos com incorporação, o movimento de início e final do sinal sofre alterações na direção. A ação está diretamente ligada a quem produz o discurso, ou seja, está ligado à pessoa. Na frase "EU DISSE À ELA", o sinal "EU DISSE" é iniciado com a CM em Y, e o movimento retilíneo do sinal iniciado com o dedão no sujeito "Eu" vai na direção do outro, "VOCÊ". Essa direção da palma da mão, na orientação, é modificada se a ação vier do sujeito para mim, "VOCÊ ME DISSE". O sinal de "DIZER" será iniciado com o dedão no sujeito e virá com o movimento retilíneo para mim, e agora é o dedinho que tocará no corpo de

quem enunciou. Portanto, o verbo “DIZER”, por ser um verbo que incorpora o sujeito, terá sua forma alterada a depender da pessoa do verbo. Vejamos essas produções e a alteração do movimento verbal no vídeo a seguir, que exemplifica essas duas frases em Libras.

**Vídeo 22** Produção de vídeo em Libras marcando a mudança do verbo pela direcionalidade do movimento e uso do espaço.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/rMGn37BzJH0>.

Fonte: elaboração própria.

Agora, para fechar a unidade, exemplificamos a alteração do verbo pela intensidade da ação, como na sentença “ELA FALOU DEMAIS, por muitas horas”. Aqui, temos a replicação do movimento, que é feito com mais rapidez, e o uso da expressão facial.

**Vídeo 23** Produção de vídeo em Libras com a marcação da intensidade da fala e a ação do discurso no passado.



Para assistir ao vídeo, clique no link: <https://youtu.be/2vqQAQwPNUw>.

Fonte: elaboração própria.

Veja que o corpo do professor Guilherme na produção da sentença está projetado para trás, marcando a temporalidade da ação, que é no passado, e no “sinal” usado para marcar a ação de falar há a incorporação do movimento repetido mais vezes, acoplado simultaneamente a expressão facial de descontentamento. Na sequência há o uso da metáfora do relógio girando rapidamente e das horas passando de modo acelerado. Nessa produção, evidencia-se a produção verbal, e está marcado o tempo verbal. Então, é incorreto dizer que na Libras não há variação para o verbo. Ela ocorre e modifica o espaço de enunciação, o movimento e a direcionalidade do verbo (da direita para esquerda, de cima para baixo e vice-versa). O que ocorre é que o seu funcionamento é diferente do que ocorre na língua portuguesa.

Não temos a intenção de esgotar o assunto, mas trazer questões introdutórias sobre a estrutura linguística da Libras.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA ESTE ESTUDO INTRODUTÓRIO DA LIBRAS

Chegamos ao final desta disciplina e esperamos que o conteúdo tenha trazido novidades a vocês e aos seus estudos. Além disso, queremos que tenha ficado nítido que a Libras é uma língua natural e tão complexa como qualquer outra, já que se trata de um sistema linguístico sofisticado e natural, construído pela interação humana. Também queremos que tenha ficado bem descrito que a Libras tem o mesmo status de uma língua de modalidade oral, como a língua portuguesa, por exemplo. A Libras, portanto, é produzida por sujeitos, dada a necessidade de interação e de uso de uma língua de modalidade espaço-gesto-visual. As línguas de sinais estão em contato com as línguas orais dos países que os falantes habitam, portanto, não são sistemas linguísticos universais nem se resumem à dactilologia. Cada país tem a sua língua de sinais, e isso ocorre por seu processo cultural e pela organização social de cada comunidade linguística. Temos variações na Libras, e elas são naturais aos sistemas linguísticos, portanto, isso não é problema, mas uma qualidade linguística de adaptação e conforto criativo entre os falantes, geograficamente e por questões políticas, sociais e etárias.

As línguas de sinais não são dependentes das línguas orais e possuem funcionamento específico gramatical que precisa ser estudado: fonético-fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Trouxemos alguns elementos gramaticais para a introdução à Libras e compreensão dessas especificidades.

Esperamos que os estudos tenham trazido contribuições significativas para as ações educativas de vocês junto ao alunado surdo e que produzam inquietação e desejo de mais estudos para melhorar a interação em Libras.

## Referências

- ALBRES, N. de A. A construção dos sinais e sua mobilidade específica. In: SOFIATO, C. G. et al. *Língua Brasileira de Sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos*. São Carlos: UAB-UFSCar/EdUFSCar, 2012a. Disponível em: [http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM\\_libras.pdf](http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM_libras.pdf). Acesso em: 13 out. 2021.
- ALBRES, N. de A. Comunicação em Libras: para além dos sinais. In: SOFIATO, C. G. et al. *Língua Brasileira de Sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos*. São Carlos: UAB-UFSCar/EdUFSCar, 2012b. Disponível em: [http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM\\_libras.pdf](http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM_libras.pdf). Acesso em: 13 out. 2021.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 9 set. 2021.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 28, 23 dez. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 10 set. 2021.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAMPOS, M. L. I. L.; ALMEIDA, J. C. S. Sistema linguístico da Libras. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (org.). *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019. p. 77-120.
- COUTO, H. H. Sobre o conceito de Comunidade Surda. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez. 2005.
- LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (org.). *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. especial, p. 81-100, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://projetoredes.org/wp-content/uploads/Lopes-Veiga-neto.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.
- NASCIMENTO, V.; DAROQUE, S. C. Língua oral auditiva e língua-gesto-visual. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (org.). *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019. p. 43-76.
- NASCIMENTO, V.; SEGALA, R. R. Estrutura da Libras e expressão de conceitos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (org.). *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019. p. 121-159.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. (org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 23-34.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. *D.E.L.T.A.*, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cYCvmbdCbMqXCRMK9yDjWP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.